

***“EU PENDURO MEU CORPO EM GANCHOS
DE FERRO E SINTO UM PRAZER QUE NÃO TENHO
COMO DESCREVER.”***

***CONTRIBUIÇÕES DA RELIGIÃO ÀS REFLEXÕES
SOBRE EXPERIÊNCIAS CORPORAIS EM GRUPOS
URBANOS***

Fabiana Maria Gama Pereira

I. Introdução

A noção e o conceito de campo ritual, não é novidade, foi inicialmente forjada no âmbito religioso. As primeiras definições enfatizaram o caráter sequencial e rotineiro como traço distintivo de todo ritual. Daí porque o enfoque incidia frequentemente no pressuposto de que o seu objetivo primordial era simplesmente preservar a ordem existente, isto é, manter o sistema no seu devido lugar ou repor a ordem alterada. Já as perspectivas teóricas posteriores têm, ao contrário, acentuado a presença de expressões menos formalizadas, tais como formas experimentais e emergentes de modalidades de rituais que desafiam a ordem estabelecida. Dito de outro modo: os rituais não somente refletem a sociedade e a cultura, mas ensejam também novas visões e relações sociais que, ao invés de apenas preservar a ordem do sistema, colaboram para a transformação do mesmo. Com o advento da modernidade, novas formas de se entender os significados dos ritos são instaurados nas sociedades complexas. SEGALLEN (2005) argumenta que o ser humano está buscando novas formas de expressar os seus sentimentos e emoções. Segundo a autora, os ritos não morrem na modernidade, mas se recriam a partir de performances que se distinguem das sociedades tradicionais por não estarem associadas ao caráter religioso. Complementando este raciocínio, RIVIÈRE (1997) diz que nas sociedades modernas o rito se destaca do sagrado, sem perder sua eficácia. O rito profano encontra a sua lógica em sua realização e se satisfaz em sua intensidade emocional. Partindo destes pressupostos, o objetivo deste trabalho é entabular um diálogo com a religião a partir de uma pesquisa de doutorado em antropologia realizada com jovens que fazem uso de rituais religiosos advindos de sociedades tradicionais e os incorporam a um contexto profano.

II. Rituais da Contemporaneidade

Em função da emergência e da crescente complexidade de novos fenômenos socioculturais no contexto do mundo contemporâneo, o estudo do ritual passa cada vez mais a exigir desafios, servindo de impulso para novos questionamentos já que se trata de um campo em que ainda há muito o que se explorar. Como foi acima relatado, se constata que atualmente e em contextos urbanos, muitas pessoas estão fazendo uso de rituais religiosos presentes em sociedades tradicionais. Durante o trabalho de campo realizado pela pesquisadoraⁱ, os atores sociais praticavam rituais de modificação corporal como a suspensão, que se trata de um procedimento em que o corpo é pendurado por meio de ganchos de ferro que são enfiados pela pele.

Para realizar uma suspensão usam-se ganchos de ferro que perfuram a pele e por meio deles são introduzidas cordas grossas que atravessam uma superfície alta e através de roldanas vão repuxando os ganchos até que a pele vai se estendendo e o indivíduo se suspende. Segundo os interlocutores, o momento mais doloroso e incômodo é quando se enfiam os ganchos, havendo um pequeno sangramento que se segue do rápido instante em que a pele vai se descolando da musculatura e que a pessoa vai saindo do chão. Há um intenso ardor que se mistura a muita dor, chegando a certa intensidade que o indivíduo pára de sentir, confrontando-se imediatamente com um extremo prazer.

Apesar de ser uma prática recente em determinados contextos urbanos (mais ou menos quinze anos), em algumas sociedades tradicionais da Índia data de cerca de cinco mil anos e está ligada a idéia de usar o corpo para se superar espiritualmente. Conta-se que em um festival da perfuração denominado Thaipusan, os fiéis oferecem como presente à divindade uma dificuldade física que é considerada o mais puro dos presentes. Perfuram seus corpos com lanças, ganchos e pinças para entregarem o presente que é aceito e bento pela divindade Murugan, deus da perfuraçãoⁱⁱ. No ocidente, destacam-se em particular as chamadas modificações do corpo influenciadas pelo movimento denominado de *moderns primitivism*, conforme tratou KLEASE (2000). Tal perspectiva foi orientada por um ideal estético não ocidentalizado, que buscou integrar práticas e rituais de sociedades tradicionais, consideradas exóticas, em contextos urbanos. Entre essas formas de expressões estético-corporais destacam-se, inicialmente, os chamados *tattoos e piercings*. Por volta da década de 80 surgem também os primeiros rituais de suspensão, sobretudo nos Estados Unidos.

Paks é um jovem espanhol de 20 anos que há cerca de dois vem investindo no ofício de modificador corporalⁱⁱⁱ. Desde então tem transformado progressivamente sua

aparência através de tatuagens, *piercings*, esscarificações e implantes, que são para ele signos de estética. Mas, além disso, o interlocutor também tem praticado alguns rituais e realizado algumas intervenções em seu corpo com o objetivo de controlar seus pensamentos. Há cerca de um ano Paks tem se pendurado em ganchos de ferro e também vem investindo em técnicas mais radicais, principalmente no que concerne aos implantes e às esscarificações. Na medida em que o interlocutor tem se aprofundando nessas práticas, vem descobrindo o quanto o ato da perfuração corporal, seja nele mesmo ou em terceiros, o acalma e o tranquiliza. Sem entender, passou a sentir muitas vezes necessidade de furar seu próprio corpo, sobretudo nos momentos em que se sente ansioso ou frustrado. Conta por exemplo, que certa vez foi abandonado por uma ex namorada com quem tinha muita confiança: “Quando eu e L. nos separamos, senti vontade de me perfurar o tempo todo, era um desespero. Furei meu rosto e os meus dois mamilos... também retirei alguns piercings do meu corpo”. Paks foi se dando conta de que por meio deste ato conseguia controlar sua mente, e neste sentido as tatuagens, os *piercings*, as esscarificações, as suspensões corporais passaram a ter um significado bastante importante para o interlocutor que tem se sentido cada vez mais estimulado em praticá-las. A cada vez que Paks se submete a uma intervenção, tem vontade de ir mais além, testando aos poucos seus limites. Seja por meio de esscarificações ou de outras práticas, vai simultaneamente mudando a aparência assim como experimentando novas sensações, fazendo do seu corpo um veículo de experiências estéticas e subjetivas.

O interlocutor falava de si através dos seus signos corporais, sendo por meio de tatuagens, *piercings* e esscarificações que a pesquisadora teve acesso à intimidade desse jovem. Se identificando, certa vez, pela *Internet* como “*el gallo decapitado*” (o galo decapitado), narra a seguinte estória: “... o galo decapitado continuou correndo ao redor da forca fazendo um círculo de sangue fresco”..... “A forca é um pau com uma corda onde as pessoas são penduradas até morrer, te colocam a corda no pescoço e te penduram. Na forca tem um homem morto com o pescoço quebrado e com a cara roxa e ao redor tem um galo correndo sem cabeça e do pescoço jorra sangue e, como o galo corre em círculo em volta da forca, forma-se um círculo de sangue vermelho em cima da neve branca”. Por meio desta narrativa aparentemente desconexa, Paks recorre às lembranças de infância das matanças de galos e perus que eram realizadas na fazenda do seu pai e que, em algumas ocasiões, era ele (Paks) quem sustentava os animais para

serem degolados. Não consegue apagar de sua memória a cena em que as aves corriam sem cabeça e jorravam sangue pelo pescoço até caírem mortas no chão.

Tendo como modelos de referências um pai que morre de alcoolismo e uma mãe fragilizada por uma doença mental, Paks parece buscar em si mesmo, no próprio corpo um limite. Segundo BATALLE (1973), o gozo pela dor é uma maneira de escapar ao sentimento de incompletude, pois neste momento há um desligamento momentâneo da realidade em que o corpo se torna um meio para a busca de prazer que, por sua vez, se converte em gozo. O autor estabelece uma analogia entre estes fenômenos da contemporaneidade com a experiência mística e, segundo ele, o gozo ou o êxtase funcionam num ambiente religioso, podendo ter conseqüências mais complexas nos casos em que estão fora de contexto. *“Lo que habitualmente se llama experiencia mística: los estados de éxtasis, de arrobamiento, cuando menos de emoción meditada”* (Batalle, 1973, p. 13).

Nos êxtases místicos se ascende, se transcende a condição humana e se chega a um estado de perfeição através da união com Deus. Santa Tereza de Ávila no século XVI se tornou conhecida por seus atos de mortificações corporais. Muito devota e fascinada pelos santos penitentes, tanto se castigava quanto ordenava que suas seguidoras se exercitassem em atos de martírio, com o objetivo de domar as paixões castigando o próprio corpo. Por meio desses atos e de oração contemplativa também atingia episódios de êxtases nos quais referia ter contato com santos através da transcendência a um plano divino.

Os líderes religiosos para afirmarem sua autoridade muitas vezes recorriam ao êxtase, alguns eram inclusive incentivados por influências populares da época e da cultura. Apesar do cristianismo ortodoxo ter procurado diminuir as interpretações místicas do transe que foram muitas vezes atribuídos ao diabo e tratados com exorcismo, algumas culturas ainda costumam acolher com muito respeito a pessoa que está em estado de êxtase, sendo por meio deste ato que se adquire status, respeito e visibilidade, a exemplo dos líderes carismáticos, como sacerdotes ou xamãs. Para o autor acima citado, a experiência não tem seu princípio em um dogma, nem na ciência não pode ter outra preocupação nem outro fim que ela mesma. Por não ser demonstrável logicamente, o conhecimento científico não dá conta.

O ser humano cria símbolos conscientes para expressar conceitos que muitas vezes são de ordem inconsciente. O símbolo ocupa uma função de substituto, uma solução de satisfação na medida em que substitui um conflito ou um desejo. Expressa o

mundo percebido e vivido tal como experimenta o sujeito, não somente em função de sua razão crítica e sua consciência, mas segundo todo seu psiquismo (Jean Chevalier, 1988). Através do signo tatuado Paks estabelece a representação do genitor, dizendo: “Meu pai morreu há cinco anos... Sua última vontade foi que suas cinzas levássemos para sua fazenda e repartíssemos aí, então levamos as cinzas e jogamos em uma árvore que ele havia plantado há 25 anos, essa árvore que eu me tatuei. Tu não vês que está seca a árvore que levo? Está morta, por isso... meu pai está morto também.”..... “... porque as árvores também representam vida eterna. Uma árvore quando morre, a cortiça cai no solo, apodrece e isso é bom para a terra, se enriquece. As árvores nunca morrem de verdade, por que... uma maçã que cai de uma árvore, morre, apodrece, mas a terra volta a absorvê-la e então volta a sair. As árvores morrem, mas a terra volta a filtrar para dar vida a outra planta, então sempre estão vivas”..... “... isso tem um duplo significado (refere-se à tatuagem), por isso, e na verdade eu levo esta tatuagem, porque enquanto eu estiver vivo, meu pai vai continuar vivo também...não sei, vai viver na memória...”.

Destacando o papel dos desejos inconscientes que estão presentes nos símbolos rituais, TURNER (1980) considera que no rito há tanto conteúdos sociológicos quanto psicológicos, como experiências infantis. A escolha pela marca no corpo, assim como os motivos, muitas vezes atestam um simbolismo que se relaciona a momentos importantes, recordações e passagens, ou seja, contam a história de vida do portador. Tatuado o corpo tem uma conotação de prazer associado à imagem delineada, que por sua vez pode tornar público os eventos privados e subjetivos. No caso de Paks não se trata simplesmente de marcar a pele, mas de contar uma trajetória e evocar a memória, suprimir uma falta para se constituir enquanto sujeito.

A estória do “galo decapitado” é bastante simbólica e serve de metáfora para estes novos ritos da contemporaneidade. Assim como o galo que é degolado, o corpo é “mutilado”. Para se constituir enquanto sujeito, o indivíduo precisa de interditos, reclusões, ritos e leis que estão vinculadas aos códigos socioculturais. Se ele não ritualiza nos momentos adequados, vai buscar alguma forma que possa dar-lhe alguma segurança, já que poderá encontrar-se perdido, vagando sem direção. Na medida em que não se ritualiza as passagens, a pessoa não se localiza frente ao seu contexto e passa a ultrapassar as barreiras das regras e interdições, inclusive ritualizando a seu modo, numa tentativa de se enquadrar ou criar uma identidade. Os rituais da modificação corporal estão dando um sentido à vida de Paks; além de ser seu meio de sustento econômico, é por meio deles que o interlocutor vem sendo reconhecido como “profissional” e, além disso é a maneira que ele tem encontrado para se expressar, se conhecer, criar uma

identidade, bem como controlar sua mente e dar vazão aos seus conflitos mais íntimos. Paks se constitui em meio a uma estética e, além disso, tem nos seus *piercings*, tatuagens, escarificações, etc., uma forma de expressão e canalização de sentimentos.

III. Pontuações

Assim como no caso de Paks, na contemporaneidade se pode presenciar cada vez mais indivíduos que estão provocando intervenções em seus corpos com finalidades diversas. Em vista do crescimento do número de adeptos às práticas de modificações corporais, alguns movimentos se formaram, como foi o caso do *Modern primitivism*, cujo propósito, por parte dos adeptos, é a colagem de práticas advindas de culturas tradicionais com outras dentro de um contexto urbano (Kleese, 2000). Fakir Musafar, seu fundador, desde jovem modifica a aparência tendo como objetivo provocar prazer e poder chegar ao estado de êxtase através de diversos exercícios. Segundo LE BRETON (2004), trata-se de uma incansável exploração das possibilidades do corpo. A dor não o afeta porque ele controla através de uma disciplina mental. Graças a estes momentos em que se liberta do trivial, vive momentos de consciência alterada.

(...) fura o nariz, as orelhas, os mamilos, enfia agulhas no corpo. Entrega-se a práticas de constrição com corpetes, cintos, laços, cadeias, choques elétricos. Faz experiências de privação do sono, de alimentos, etc. cobre integralmente seu corpo com uma pintura dourada que impede a respiração tegumentar; com anzóis prende no peito objetos pesados, aplica cargas aos piercings, submete-se com todo o conhecimento de causa a uma operação que alonga seu pênis graças a pesos que aí fixa, aceita assim perder a sua faculdade de gerar e vive outras formas de sexualidade com a sua companheira. Carrega usualmente uma pesada estrutura de metal copiadas dos discípulos hindus de Shiva, constituída por uma série de longas pontas de metal que penetravam o seu corpo e formavam uma espécie de leque a sua volta. Suspende-se por ganchos fixados no peito ou em todo o corpo, deita-se em leitos de lâminas de barbear ou de alfinetes, etc (Le Breton, 2004, p. 243).

Contrariamente às sociedades tradicionais, a preocupação principal dos adeptos deste movimento é com a dimensão estética e a sensação pessoal. Os contextos “primitivos” são evocados unicamente pelas práticas de modificação corporal não havendo um real conhecimento de seus significados originais. O “primitivismo moderno” encena uma apropriação de práticas revistas e resignificadas por atores sociais que estão mais voltados para criarem uma identidade estética do que fazer uma

crítica da condição de existência. A sua cultura é transformada em tatuagens, em escarificações ou em performances sem preocupações do que significavam estes passos na sua cosmologia. O sincretismo cultural, a flutuação geral dos sinais permitem gravar na pele numerosos estilos, uma vez que apenas importa a beleza e a ornamentação, não o seu significado cultural ou uma busca pela eficácia simbólica.

Os ritos e modificações corporais praticados num contexto urbano adquirem outros sentidos na medida em que não se estabelece enquanto um ritual religioso. Mas apesar das diferenças existem alguns pontos em comum; tanto nos contextos tradicionais quanto modernos há uma importância coletiva. No momento em que o grupo compartilha do ritual, algumas pessoas podem sofrer os seus efeitos. Ao mesmo tempo, não deixa de ter uma eficácia individual, já que funciona para algumas pessoas como um dispositivo que serve para dar vazão aos conflitos pessoais. Alguns fenômenos acontecem para que o indivíduo crie rituais pessoais ou vá em busca de referências em outras culturas, onde parece haver uma maior tradição e valorização de práticas que se constituem para dar um sentido à existência das pessoas que delas compartilham. No contexto de alguns dos atores sociais contemplados na pesquisa, o que parece está em jogo é a busca por sensações assim como a adesão a um tipo de estética.

Independentemente dos motivos pelos quais as pessoas estão buscando rituais religiosos para praticá-los em um contexto profano, se pode afirmar que é possível estabelecer um diálogo entre os rituais da modificação corporal e as práticas religiosas. Este diálogo vem a contribuir e enriquecer as análises destas práticas na medida em que, conforme ressaltou LEWIS (1977), não se pode considerar os fenômenos unicamente pelo lado psicológico, fazendo-se necessário entender o contexto social em que estes rituais estão sendo mais difundidos. Dialogar com a religião nos dá essa possibilidade e nos desperta para um caminho novo e através do qual se pode fazer uma leitura sobre o corpo e suas manifestações.

IV. Bibliografia

BATALLE, G. La experiencia interior. Madrid: Taurus, 1973.

CHEVALIER, Jean (Org.). Diccionario de los símbolos. Barcelona: Herder, 1988.

KLESSE, Christian. Modern primitivism: non-mainstream. Body modification and racialized representation. In: FEATHERSTONE, Mike (Ed). Body Modification. Sage. London, 2000. 227-259.

LEWIS, I. Extase religioso. Um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. Perspectiva: São Paulo, 1977.

LE BRETON, D. Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004.

MARIE, G. Diccionario de la biblia. Madrid: Anaya e Mario Muchnik, 1995.

PEREIRA, F. Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais. Aproximações interetnográficas entre Recife e Madri. Tese (Doutorado em Antropologia), UFPE, Recife, 2007.

RIVIÈRE, Claude. Os ritos profanos. Petrópolis: Vozes, 1997.

SEGALEN, Martine. Ritos y rituales contemporáneos. Madrid: alianza editorial, 2005.

TURNER, V. La selva de los símbolos. Madrid: Siglo XXI, 1980.

ⁱ Ver: PEREIRA, F. 2007.

ⁱⁱ Disponível em: http://allboutelwood.com/flesh_hooks.htm. Acesso em: 22 mai 2005.

ⁱⁱⁱ Dentro dessa categoria estão incluídos aqueles que realizam e experimentam práticas de modificações corporais consideradas radicais, tais como: escarificação cutânea, implantes subcutâneos, mutilações parciais em diversas partes do corpo, entre outras, seja por intervenções estéticas, seja com o intuito de alterar partes da anatomia humana, bem como proporcionar sensações através do confronto com a dor.